

IACANGA

Os festivais de rock da era de Aquarius, no final dos anos 60, como os célebres Woodstock e da Ilha de Wight, na Grã-Bretanha, atraíram multidões. Depois, aqui no Brasil, na esteira do sucesso dos festivais dos gringos, teve o de Iacanga (também conhecido como Águas Claras, próximo a Bauru), já nos anos 70. Foi neste que compareceu o Gerson, artista e colaborador número um do Laboratório das Artes. Na verdade, ele participou de uma aventura juvenil, sem dinheiro e de carona com um caminhoneiro que procurava a filha adolescente que tinha fugido de casa para assistir os roqueiros em meio a milhares de pessoas e muita, muita fumaça mesmo. E não era de queimada de floresta não, mas Gerson não tem certeza.

Gerson disse que foi de trem até Bauru, só depois apanhou a carona com o sujeito que procurava a filha, mas não soube precisar onde subiu na boleia do caminhão. As estradas e acessos congestionados faziam com que as pessoas fossem caminhando em meio ao fumaçê e aos carros. Para chegar ao local do evento, cheio de barracas, foi difícil, mas Gerson conseguiu ouvir os Mutantes. Pelo menos ele acha que sim, nos tempos em que brincava de “Easy Rider”.

Não fui, mas um episódio marcou minha lembrança da época de Iacanga na velha Franca do Imperador. Uma garota da cidade disse aos pais que ia passar uns dias na casa de uma amiga em cidade próxima. Disse que a amiga tinha uma piscina em casa e ia levar biquíni e canga. Naqueles tempos sem celular e internet, era comum a pessoa viajar e não mandar notícias por dias. Na verdade, ela foi para Iacanga e aproveitou bastante o Festival de Águas Claras, onde tocaram grandes ídolos do rock nacional, como Mutantes, Som Nosso de Cada Dia, Terreno Baldio, Apokalypsis, Walter Franco, Ursa Maior, Moto Perpétuo, Jazco, Tibet, Burmah, Grupo Capote, Jorge Mautner, Acaru, Raízes, Corpus, Mitra, Burmah – Ocho, Marcus Vinicius, Nushkurallah, Rock da Mortalha, O Terço.

Foram dias de paz e amor, música, diversão e muita improvisação. O que a garota não contava é com o inesperado, já que a Lei de Murphy não existia ainda. Um dia, duas semanas após o festival, uma dessas revistas semanais de fofocas fez uma reportagem sobre o Festival de Iacanga. Havia várias fotos dos shows e da galera curtindo despreocupadamente os dias de paz & amor. O povo tomando banho no rio, todo mundo nu, homens e mulheres. Numa das fotos, surprise, lá está ela. Bom, e a canga? Ela não usou não. Estava como quando veio ao mundo. O pai da donzela ficou uma fera, ameaçou comprar todas as revistas nas bancas da cidade, mas depois entrou a turma do “deixa-disso” e tudo acabou bem.

Mauro Ferreira é arquiteto